

Baixa escolaridade e pouco emprego

“Meu sonho é que meus filhos se formem para garantir um futuro melhor.” O desejo é da dona-de-casa Dirce Maria dos Santos, que estudou até a sétima série do primeiro grau. Seu marido José sequer completou o primário. Moradores da QNM 8, eles querem dar aos filhos a educação que acreditam ser essencial para se conseguir um bom emprego.

José é pintor e faz parte dos 49,5% dos pais de família ceilandenses que não concluíram o primeiro grau. O índice foi constatado pela Codeplan, que realizou, em março de 1997, a última pesquisa sobre o perfil sócio-econômico das famílias do Distrito Federal. À época, foram entrevistadas 13 mil famílias em todo o DF. Em Ceilândia, foram 1.352.

No levantamento da cidade, os pais de família que completaram o segundo grau representam 15,43% do total e os que concluíram o primeiro grau chegam a 11,14%. Com relação ao número de analfabetos das regiões administrativas do DF, Ceilândia está na sétima colocação. Pelo estudo, 5,25% de seus membros não sabiam ler e escrever, contrastando com a taxa de 0,9% de Brasília. O maior índice de analfabetismo ficou com São Sebastião (8,48%).

DESEMPREGO

Os números da educação de Ceilândia se refletem no índice de desemprego. No último levantamento realizado pela Codeplan, entre dezembro de 1998 e janeiro de

1999, as regiões administrativas foram reunidas em três grupos. Ceilândia, juntamente com Samambaia, Paranoá, Recanto das Emas, Santa Maria, São Sebastião e Brazlândia, pertence ao de maior taxa de desemprego: 26,8%.

Esse índice — maior que a média de 20,7% do DF — cresceu 1,9% entre dezembro e janeiro e 8,9% entre janeiro 98 e janeiro 99. Com uma população economicamente ativa de 169 mil pessoas, Ceilândia já abrigaria 45.292 desempregados.

Muitos tentam sobreviver no trabalho informal. Tereza Elias Ribeiro, 36 anos, e o marido estão desempregados há mais de um ano. Ela trabalha como manicure. Há 15 dias ele conseguiu um bico

como garçom. Juntos, ganham menos de R\$ 300 mensais, com os quais sustentam os três filhos. “Temos a sorte de não pagar aluguel”, conta Tereza, que mora nos fundos da casa dos pais, no Setor P Sul.

Para o presidente da Codeplan, Durval Rodrigues Barbosa, o fato de Ceilândia estar entre as cidades com maior número de desempregados decorre de uma série de fatores interligados. “Entre eles, destacam-se uma população menos preparada para o mercado de trabalho, o baixo grau de instrução e as poucas oportunidades de emprego oferecidas nas localidades distantes do Plano Piloto”, afirma Rodrigues. (CC)